RELAÇÕES MORFOLÓGICAS ENTRE O LATIM E O PORTUGUÊS[1]

Érika Sayuri Yabiku (PUC-Campinas)[2]
Rafaela Delpasso Godoy Sampaio (PUC-Campinas)[3]
Vitória Montalbo Zanotti (PUC-Campinas)[4]

Resumo: Para este artigo acadêmico, foram utilizados como referências e bases de estudo a *Nova Gramática do Português Contemporâneo 7ª edição de acordo com a nova ortografia*, os livros *Estrutura da Língua Portuguesa* e *História e Estrutura da Língua Portuguesa* de Joaquim Mattoso Câmara Jr., além de artigos acadêmicos os quais auxiliaram bastante em relação ao entendimento das semelhanças e diferenças entre a Língua Portuguesa e o latim. Enfatizam-se, neste artigo, a parte morfológica e a relação entre o Português e o latim. Os principais autores utilizados como referências foram: Joaquim Mattoso Câmara Jr., Celso Cunha, Lindley Cintra, Jonathan Oliveira, Alina Villalva, entre outros. O tema escolhido possibilitou-nos entender, de uma maneira mais aprofundada, a origem da Língua Portuguesa e como essa se relaciona, diretamente, ao latim. Quando dizemos uma relação "direta", enfatizamos as relações morfológicas (origem, semelhanças, diferenças, permanências e mudanças das palavras).

Palavras-chave: Português. Latim. Morfologia. Origem.

Abstract: For this academic paper, the *Nova Gramática do Português Contemporâneo 7ª edição de acordo com a nova ortografia*, the books *Estrutura da Língua Portugues* and *História e Estrutura da Língua Portuguesa* from Joaquim Mattoso câmara Jr., as well as some academic articles, were used as references and bases of study which helped a with understanding the similarities and differences between the Portuguese and Latin languages. In this paper, the morphological part and the relation between Portuguese and Latin languages are emphasized. The main authors used as references were: Joaquim Mattoso Camara Jr., Celso Cunha, Lindley Cintra, Jonathan Oliveira, Alina Villalva, among others. The theme we chose allowed us to understand, in a more in depth way, the origin of the Portuguese language and how it is directly related to Latin. When we say "direct" relationship, we emphasize morphological relations (origin, similarities, differences, permanences and changes of words).

Keywords: Portuguese. Latin. Morphology. Origin.

1. Introdução

O presente artigo visa à exposição da relação morfológica, e, por conseguinte, semântica entre a Língua Portuguesa e o latim e à sua importância para o entendimento das estruturas presentes no Português.

[1] Este artigo foi orientado pela Profª Drª Cristina Betioli Ribeiro Marques, docente na graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

[2] Graduanda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: yabikuerika@gmail.com

[3] Graduanda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: rafaeladgsampaio@gmail.com

[4] Graduanda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: vmz890@hotmail.com

Primordialmente, a Língua Portuguesa, pertencente ao grupo das línguas românicas e da grande família indo-europeia, proveio do latim vulgar.

O latim surgiu na região do Lácio (Itália), a qual se localiza no centro da Península Ibérica. A Língua Latina pode ser dividida em duas partes: *Latim Literário*, falado por uma pequena elite, e o *latim vulgar*, usado no colóquio diário pelos diversos e diferentes grupos sociais da Itália e das províncias.

Ao ser levado para as regiões conquistadas por soldados, colonos e funcionários romanos, o Latim vulgar diversificou-se, com o tempo, nas chamadas "línguas românicas", entre 350 a.C. e 150 d.C. A partir disso, embora o léxico da Língua Portuguesa tenha se originado no latim, analisa-se que esse sofreu modificações e, ao mesmo tempo, conservou as características morfofonológicas que havia no latim. Em outros termos, o português apresenta heranças morfológicas, fonéticas, semânticas e sintáticas do latim.

2. Contextualização: uma breve exposição sobre a língua dos romanos em relação à procedência e variedades linguísticas

Antes da contextualização histórica do latim, é necessário conceitualizar termos importantes que serão utilizados posteriormente.

Em primeiro lugar, de acordo com Carvalho e Nascimento (1984, p. 10), *Língua Viva* é aquela que serve de instrumento diário de comunicação entre indivíduos de um país, enquanto *Língua Morta* é aquela que não é mais falada, mas que possui registros escritos que nos permitem ter conhecimento sobre ela. Além disso, também existem as *Línguas Extintas*, que são aquelas que desapareceram sem deixar nenhuma memória documental.

Além disso, faz-se necessário citar as diferentes formas de se classificar as línguas do mundo, antes de se haver conhecimento sobre a origem do latim. Segundo Carvalho e Nascimento (1984, p. 11), existem quatro principais critérios para essa classificação:

> a) *Critério geográfico*: Agrupa as línguas pelo local do globo onde são faladas. Esse critério não possui valor científico, em face das migrações e entrelaçamentos entre diferentes povos.
> b) *Critério etnológico*: Distribui as línguas com base nas etnias que as falam. Atualmente, porém, as línguas não, necessariamente, coincidem com as etnias que as falam, ou seja, esse critério não leva muita vantagem sobre o anterior.
> c) *Critério morfológico*: Reúne as línguas com base na estrutura de seus vocábulos.

De acordo com Carvalho e Silva (1984, p. 12), seguindo o critério morfológico, as línguas se classificam em:

> a) *Monossilábicas*, *Isolantes* ou *Radicais*: As palavras são monossílabas isoladas e inalteráveis e, portanto, são raízes. Não há declinações e conjugações e, além disso, nomes e verbos se diferenciam pela posição que ocupam na frase e pelas palavras denotativas que os condicionam.
> b) *Aglutinantes* ou *Aglomerantes*: Os radicais se aglomeram, mas não se fundem completamente, para formar termos compostos que expressam relações diferentes. Assim como nas línguas monossilábicas, nas línguas aglutinantes, também não existem declinações e conjugações. Além disso, todas as flexões nominais e verbais se expressam através de partículas combinadas de palavras.
> c) *Flexivas* ou *Orgânicas*: As palavras sofrem alterações, em suas formas, para expressar funções sintáticas ou ideias de gênero, número, grau, tempo, pessoa e modo. As alterações podem ocorrer tanto no final das palavras (bonito, bonita, bonitinho, bonitinha) ou na parte interna das palavras (faz, fiz, fez). Neste último caso, as alterações se chamam *Inflexões* (conjugação verbal).

Por fim, há também o critério de classificação *genealógico*, considerado o mais científico, que reúne as línguas de acordo com o grau de parentesco que apresentam entre si. Foi através dele que se concluiu a existência da unidade linguística que originou o latim, o Indo-europeu.

3. Contextualização histórica: origem e evolução do latim

A linguística histórica afirma que toda língua é um ser vivo: nasce, cresce, e, antes de morrer, se reproduz. Desse modo, o latim nasceu do Indo-europeu, desenvolveu certa vida e, mesmo não sendo mais falado, sobreviveu ao originar línguas neolatinas.

Por volta do ano 1200 a.C., a Itália foi invadida pelos itálicos de origem Indo-europeia. Entre eles, estavam os latinos (habitantes do Lácio), que se estabeleceram no vale do Tiber, em cujas bordas surgiu a cidade de Roma. (Krebs, 2011, p. 46)

O latim originou-se de línguas arcaicas faladas no Lácio e em Roma. Gramaticalmente, consolidou-se a partir do século III a.C. A língua teve seu período clássico dividido entre 81 a.C. e 17 d.C., época dos principais escritores latinos. O apogeu do Império Romano, com as guerras de conquistas, possibilitou que o *latim popular* fosse levado para outras regiões da Europa, o que, devido às interações com idiomas locais, deu origem às línguas latinas.

Em relação às fases, de acordo com Cardoso (2006), o Latim se divide em:

a) *Latim pré-histórico* (séculos XI e VII ou VI a.C.): Língua dos primeiros habitantes do Lácio, antes do surgimento de documentos escritos.
b) *Latim proto-histórico* (séculos VI e IV a.C): Aquele que aparece nos primeiros documentos escritos encontrados.
c) *Latim arcaico* (século III e início do século I a.C): Língua que se manifesta em antigos textos literários, como obras de Névio, Plauto e Catão, além de epitáfio e textos legais.
d) *Latim clássico* (a partir do segundo quartel do século I a.C.): Utilizado quando foram compostas grandes obras, como as de Cícero e Virgílio, que marcaram a prosa e a poesia latina.
e) *Latim pós-clássico* (séculos I e V d.C.): Quando a língua deixa de seguir os moldes clássicos anteriores, começando a perder sua pureza e perfeição.

A história da língua latina acompanha a história do povo romano. Pode-se dizer que ambos possuíam, respectivamente, contrastes sociais e linguísticos. Os romanos, ao ampliarem suas fronteiras, constituíram uma enorme unidade imperial e, à medida que o império se expandia, sua cultura passou a denominar dominação. Conforme Hollanda (1975, p. 90-91), o sucesso das conquistas romanas deve-se, sobretudo, ao patriotismo de seus cidadãos. Em comparação ao cidadão de Esparta, o amor pela pátria era o que havia de mais sagrado no império romano.

Os romanos conseguiram influenciar e ser influenciados através do contato cultural entre as diversas relações com outros povos. Essas relações baseavam-se em aspectos comerciais, sociais, linguísticos, bélicos ou outros modos de comunicação.

Segundo Concesso (2002, p. 15), o mais antigo documento latino tem origem no século VI a.C. Até meados do século IV a.C., os romanos não haviam ampliado seu domínio, logo, a língua também tinha um alcance restrito. À medida que o império se ampliava, a língua também se expandia além da Itália.

De acordo com Carvalho e Nascimento (1984, p. 13), historicamente, o latim enquadra-se no período entre a fundação de Roma e a queda do Império Romano do Ocidente. Esse teve suas origens no Lácio, entre pastores e agricultores, e absorveu os demais falares itálicos até se tornar a língua nacional de todo o Império Romano.

Conforme Russel (2003, p. 180-181), o mundo romano imita os grandes exemplos da Grécia em diversos âmbitos, como na arte, na arquitetura, na literatura e na filosofia. Em contrapartida, na esfera do governo, da lei e da administração em larga escala, Roma obteve um sucesso que a Grécia falhou em obter. Nesse âmbito, foi Roma que exerceu alguma influência do pensamento grego. Ainda de acordo com esse autor, o papel supremo de Roma foi o de

transmitir uma cultura mais antiga que a sua própria. Além disso, a expansão romana garantiu que boa parte da Europa continuasse funcionando como uma unidade cultural.

Porém, de acordo com Concesso (2002), à proporção que a língua erudita entrava em decadência, cedeu-se um lugar a uma língua falada pelo povo, o *latim vulgar*. Tal variação linguística era cheia de influências externas, além de ser mais coloquial. Os fatores principais que levaram ao *latim vulgar* gerar as línguas românicas foram o contato cultural com outros povos e a dialetização que ocorreu, gradualmente. Enquanto o *latim clássico* se tornava cada vez mais uniforme, o *latim vulgar* tornava-se, progressivamente, mais diversificado ao passo que se disseminava com a expansão do Império Romano. Enquanto o *latim clássico* se transformava em uma língua morta, o *latim vulgar* se desenvolvia nas denominadas línguas *neolatinas* ou *românicas*.

Ainda de acordo com Concesso (2002), a partir do século III d.C., não havia mais uma unidade linguística no império, a língua mais popular (*latim vulgar*) originou, aos poucos, novas línguas devido às influências dos povos conquistados. A diferença entre o *latim clássico* e o *latim vulgar* é, predominantemente, na forma e não tanto no conteúdo. Ademais, segundo Concesso (2002), a designação de *latim vulgar* não conceitua uma língua, mas um conglomerado de falares de vários tipos.

4. Variedade do *latim vulgar*

Corresponde à variedade coloquial dos romanos e é caracterizada pelas diversidades diatópicas, diastráticas e diafásicas, que são, respectivamente, as variações em relação ao local, as variações em relação ao grupo social dos falantes e as variações em relação à situação de fala. Sendo assim, em condições reais de uso, o *latim vulgar* representava a língua em sua heterogeneidade e estava sujeito a sofrer variações determinadas não só por fatores externos, como épocas diferentes e influências estrangeiras, mas também fatores internos, como os de aspectos linguísticos (morfológicos, sintáticos, entre outros).

O *latim vulgar* correspondia ao grupo de variantes populares usadas por todas as camadas da população e esteve presente em todas as fases da língua latina. Por ser a língua oral dissipada pelas regiões conquistadas, apresentava diversas transformações em relação à língua clássica. De modo geral, essa variedade da língua pertencia a uma população pouco escolarizada, que não tinha acesso à leitura e à escrita, e teve sua origem em meios plebeus e cercanias. Em outros termos, era, essencialmente, a fala da plebe romana e, por se tratar de uma

variedade heterogênea e propícia a variações, tornou-se a matriz comum de todas as línguas românicas.

Essa variedade se popularizou com a expansão do Império Romano e tornou-se cada vez mais diversificado, visto que havia um intenso contato com as línguas dos vários povos dominados. Era uma língua eminentemente oral que não deixou uma ampla documentação. Por isso, sua reconstituição é extremamente difícil de ser feita.

5. Variedade do *latim clássico*

Corresponde à variedade linguística usada pelos escritores, poetas, prosadores, filósofos e retóricos do período clássico da literatura latina. Era uma modalidade escrita e idealizada e, em virtude disso, ao contrário do *latim vulgar*, o *latim clássico* não apresentava variações diatópicas e diastráticas. A partir disso, tornou-se uma variedade, gradativamente, mais artificial e usada, de modo mais restrito, pelos letrados.

A grande diferença entre o *latim clássico* e o *latim vulgar* é social e culturalmente constituída, e não cronológica e exclusivamente ligada à escrita. O patriciado (a classe culta de Roma) era uma elite caracterizada pela educação e por costumes refinados, além de conservadora, que procurou, por muito tempo, manter o uso normativo do latim. Todavia, com a fragmentação do Império Romano do Ocidente, há aproximadamente em 476 d.C., as escolas foram fechadas e a nobreza foi desbancada. Com isso, os elementos unificadores da língua deixaram de estar presentes. O latim, a partir disso, perdeu sua unidade como língua e ramificou-se em diversos falares locais que, posteriormente, se desenvolveriam nos idiomas românicos modernos como o português.

6. Alterações morfológicas e fonéticas observados na passagem do latim para o português

Verbo *poer*, forma arcaica, tornou-se *pôr*. A partir dessa mudança tanto morfológica quanto fonética, observa-se que, ao passar para o português, o verbo *poer* perdeu a letra *e*, sua vogal temática. Embora morfologicamente e fonologicamente sejam diferentes, o significado permaneceu o mesmo.

6.1 Conjugação do verbo poer e pôr no tempo presente do modo indicativo

Verbo *poer*:	Verbo *pôr*:
Eu *poo*	Eu *ponho*

Tu *poes*	Tu *pões*
Ele *poe*	Ele *põe*
Nós *poemos*	Nós *pomos*
Vós *poeis*	Vós *pondes*
Eles *poem*	Eles *põem*

Nota-se que, nos exemplos abaixo, houve tanto mudanças morfológicas quanto fonéticas. No entanto, o significado de todos esses termos permaneceu o mesmo. Além disso, percebe-se que o radical foi modificado em todas as palavras.

Capillum – cabelo.

Luna – lua.

Lacte – leite.

Dolore – dor.

Regina – rainha.

Exemplo do radical modificado: no termo *luna*, o radical é "lun" e a vogal temática é *a* – Latim. No Português, o radical de *lua* é *lu–*, sendo *a* sua vogal temática.

7. Hibridismo

É um conceito dado aos vocábulos compostos ou derivados os quais apresentam elementos que advém de línguas diferentes. No caso do português, há termos que são compostos de elemento grego com elemento latino. Essa designação é muito importante para compreender o processo de formação de palavras da Língua Portuguesa.

Exemplos:

- Grego e latim: automóvel.
- Latim e grego: sociologia.
- Decímetro (latim: *decem*) e decâmetro (grego: *deka*).

8. Palavras que mudaram sua semântica e sua morfologia

Do latim para o português, muitos termos apresentam tanto mudança no significado quanto na composicionalidade.

A título de exemplo, analisar-se-á o verbo *cancelar* do português. O verbo cancelar, nos dias atuais, apresenta os seguintes significados: tornar (algo) nulo, sem efeito, sem valor; eliminar, anular ou riscar (o que está escrito) para tornar sem efeito. Outrossim, com o advento das redes sociais, o verbo *cancelar* "ganhou" novos significados, entre eles, isolar, excluir,

criticar, entre outros. Em relação ao latim, observa-se que o *cancell*āre significa “colocar grades” e “engradar”.

A partir disso, veja que o verbo *cancellāre* não apresenta a mesma complexidade de significados em tangência ao verbo *cancelar*. Em outros termos, o verbo mencionado apresenta vasta gama semântica. Para mais, são dois termos morfologicamente e fonologicamente diferentes, além da parte semântica.

Por outro lado, analisa-se que o verbo *anĭmāre* do latim, ao passar para o português, tornou-se *animar*. Embora tenham havido mudanças em relação à estrutura (morfologia) e à pronúncia (fonologia) da palavra, o significado permaneceu o mesmo. No caso, o significado seria “dar vida a”.

9. *Derivatio voluntaria* e *derivatio naturalis*

Dois processos de grande importância, abordados pelo gramático latino Varrão (116 a.C – 26 a.C), são: *derivatio voluntaria* e *derivatio naturalis*. O *derivatio voluntaria* relaciona-se à criação de novas palavras, enquanto o *derivativo naturalis* corresponde à indicação de modalidades específicas de uma dada palavra.

Em Língua Portuguesa, analisa-se que, para toda classe homogênea do léxico, os termos derivados não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória. Em outros termos, pode-se dizer que a derivação ocorre para algumas palavras (vocábulos) e para outras não.

O termo *cantarolar* é uma palavra derivada do verbo *cantar*. Por outro lado, os verbos *falar* e *gritar* não apresentam derivações análogas (semelhantes) ao caso do verbo *cantar*. A partir disso, conclui-se que não há um quadro regular, preciso e coerente em relação aos morfemas gramaticais de derivação. O termo *voluntaria* do latim pauta-se na possibilidade de escolha de utilizar ou não o vocábulo derivado.

Em português, nem todos os substantivos apresentam o diminutivo. Por exemplo, os substantivos Brasil, liberdade, amor, entre outros. Em alguns casos e situações específicas, por meio da licença poética ou da criatividade, o falante pode criar e utilizar um substantivo que esteja no grau diminutivo, mesmo que esse não faça parte do uso convencional.

Acerca disso, segundo Joaquim Mattoso Câmara Jr., a expressão de grau, em português, não é flexional, uma vez que não é uma um recurso obrigatório/sistemático e coerente, já que não há paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si.

No caso da flexão, percebe-se que há uma obrigatoriedade e uma sistematização coerente. A flexão é imposta pela própria natureza da frase (termo *naturalis*, de Varrão). Adota-se um substantivo no plural ou um verbo conjugado em 1ª pessoa do plural do presente do indicativo, a partir da natureza da frase. Há, para mais, a concordância de número (singular e plural), de gênero (masculino e feminino) entre um substantivo e um adjetivo e de pessoa gramatical entre sujeito e verbo. Ademais, há a escolha da forma temporal e modal do verbo depende da espécie da frase. (Câmara, 1970).

Em latim, a fim de se afirmar que aquele referente ao adjetivo marcado por tal sufixo é superior ao outro, o morfema gramatical *issimus*, que pertencia a um complexo flexional ao lado de *–ior*, é próprio de um tipo de frase em que se estabelece a comparação. Em condições bem determinadas, empregavam-se as formas *felicier* e *felicissimus*, coerentemente, para o adjetivo latino *felix*.

Em contrapartida, em português, somente há o termo “feliz”. É modificado, em cada caso, um recurso/mecanismo sintático o qual se encontra fora da morfologia vocabular.

10. O sistema verbal: do latim ao português

Em latim, o verbo era um vocábulo, acima de tudo, flexional. Em Língua Portuguesa, manteve-se esse caráter tipológico. Em ambas as línguas, analisa-se que a flexão verbal é orientada, em dois sentidos.

Esses sentidos correspondem, respectivamente, à indicação do sujeito do verbo, isto é, ao falante, ao ouvinte ou a outro ser, e à significação específica da forma verbal. Pode-se dizer que a desinência pessoal é constituída a partir da indicação flexional do sujeito e que a expressão do verbo se faz, essencialmente, na voz ativa, segundo Joaquim Mattoso Câmara Jr. A voz passiva, desde o indo-europeu primitivo, foi uma estrutura secundária, que o latim possuía, mas desapareceu com as línguas românicas como processo flexional.

11. Três tipos de mudanças morfológicas que ocorreram no latim e que impactaram a estrutura morfossintática da língua portuguesa

Ao analisar aspectos linguístico-históricos, é essencial apontar as mudanças que ocorreram, na passagem do latim para o português, no âmbito morfológico. De tal maneira, seguem os tópicos de estudo:

11.1. A modificação do sintetismo do latim para o analitismo no português

Inicialmente, ressalta-se que caracterizavam o português, no passado, as terminações próprias de cada palavra e suas flexões específicas de cada caso. Concomitantemente a isso, o latim possuía diversas funções sintáticas, as quais se classificam como nominativa, genitiva, dativa, acusativa, vocativa, ablativa e locativa e instrumental. No entanto, nas palavras de um estudioso da língua latina, tais funções "deixaram de ser usadas já em épocas remotas, e suas funções foram absolvidas na maioria das vezes pelo ablativo" (Garcia, 2000, p. 26).

A partir disso, observa-se que começa a ser utilizada uma quantidade menor de palavras nos enunciados em latim. Segue o exemplo abaixo:

> *Poëta pulchram rosam fēmĭnae dat.*
> *O poeta dá uma bela rosa para a mulher.*

Ao observar as duas frases acima, que estão em latim e em português, respectivamente, nota-se uma diferença em relação à quantidade de palavras. Tal fato decorre do contraste de classes de palavras, quando se compara os dois exemplos. Dessa maneira, a frase escrita em latim dispensa o uso de artigos e preposições, enquanto o português faz uso dessas mesmas classes gramaticais.

11.2. O desaparecimento dos casos e declinações latinas no atual sistema mórfico da língua portuguesa

As declinações, observadas anteriormente no latim, não ocorrem, significativamente, na Língua Portuguesa. Para uma melhor contextualização, destaca-se a existência de cinco declinações da língua latina. Não obstante, com o passar do tempo, a quarta e quinta declinações foram incorporadas pelas demais. Por conseguinte, alguns casos, exceto o nominativo e o acusativo, desapareceram. Consequentemente, os substantivos e adjetivos mantêm o caso lexicogênico do português, ou seja, as classes gramaticais exercem funções de sujeito, objeto verbal e objeto preposicionado, provenientes do latim acusativo.

Dessa forma, afirma um estudioso:

> "A distinção casual terminou. Apenas a flexão de número permaneceu. A forma oriunda do acusativo latino passou a exercer a função de sujeito, de objeto de um verbo e de objeto de uma preposição." (Williams, 1975, p. 123).

Diante disso, é possível observar uma simplificação do latim ao português, uma vez que as declinações desapareceram, definitivamente, na Língua Portuguesa.

11.3. A ausência da flexão de gênero gramatical neutro latino no português

No latim, havia três gêneros distintos: masculino, feminino e neutro. Utilizava-se o gênero neutro para se referir a seres inanimados ou a não identificação nem com o masculino nem com o feminino. No entanto, o uso do neutro era pouco exigido, dessa forma, "logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária." (Bagno, 2007, p. 30).

Por um lado, o gênero neutro era substituído pelo masculino. Por exemplo, a terminação em *–o*, por possuir uma semelhança com o masculino, incluiu-se nesse gênero.

Por outro lado, o neutro também se incluía ao feminino. A terminação *-a*, por exemplo, marcava palavras neutras no plural do latim e passou a ser considerada gênero feminino no singular do português. Dessa maneira, *folia* (neutra plural) acarretou em *folha* (feminino singular). Em resumo, o português faz uso de dois gêneros, o feminino e o masculino, derivado da queda do gênero neutro do latim.

12. Morfologia construcional: características teórico-metodológicas

Esta parte focará na análise do sufixo *–udo*, o qual remete à ideia de posse, seja em um sentido literal ou metafórico. Primeiramente, é importante destacar que tal terminação possui origem latina, porém o estudo será feito com base em suas raízes históricas, sobretudo, a partir do *–útus*. Enfatiza-se, ainda, que a definição de *Morfologia Construcional* gira em torno da interpretação do léxico, em sua organização. Segundo Goldberg (1995), a morfologia, ao se referir à sintaxe, pontua que os diversos aspectos da língua estão conectados através de figuras de linguagens. À vista disso, exige-se uma análise complexa neste tópico.

12.1. Sobre o sufixo *-udo*

Na obra *Latin Suffixes*, White (1858) pondera que "adjetivos em tus, derivados de substantivos, etimologicamente significam "provido de" ou "que tem" aquilo que o primitivo significa. Eles são formados pela adição do sufixo ao tema. Obs. 1. Em ā-tus, ī-tus, ū-tus, ĕ-ātus, o a, e, i e u são [...] vogais de ligação" (White, 1858, p. 42, tradução nossa, grifos do autor). Tal afirmação se dirige aos aspectos semânticos do sufixo, além da atribuição da partícula às outras funções da língua.

Adiante, analisar-se-ão exemplos, os quais foram propostos por White (1858). O modo primitivo *stus*, que condiz com *raft*, significa astúcia, habilidade. O derivado *stūtus* corresponde

a *rafty*, que significa astuto. De tal maneira, a forma derivada de *-ūtus*, segundo Said Ali:

> Significa “provido de” nos adjetivos sisudo, pontudo, bicudo. Em outros adjetivos denota grande massa ou também qualidade, tamanho ou feitio desmesurados: peludo, cabeludo barrigudo, narigudo, espadaúdo, ovelhudo, repolhudo, façanhudo, lanudo, guedelhudo, bochechudo, carnudo, polpudo (Said Ali, 1964, p. 245, grifos do autor).

Além disso, é necessário acrescentar que, diante do sentido de provimento, tal ideia é utilizada em sentidos literais ou metafóricos. A título de exemplo, pode-se citar, a partir de *narigudo*, “pessoa com nariz grande” e “pessoa que mente excessivamente”.

Baseando-se na obra *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, o autor, Nunes (1969), insere novas explicações acerca das terminações *–udo* e *–oso*. Segundo o linguista, tais sufixos podem ser acrescentados aos temas nominais ou verbais, no que se refere aos aspectos sintáticos. Já em relação às características semânticas, pode-se definir que ambos os sufixos, quando juntados ao tema, dizem respeito a algo abundante. (Nunes, 1969, p. 377, grifos do autor). Por exemplo: cabel-*udo*, raiv-*oso*.

Analisando os exemplos anteriores, é possível afirmar que a terminação *–udo* refere-se à característica física, ao passo que o sufixo *–oso* diz respeito a uma base mais abstrata. A fim de clarificar essa ideia, serão analisados outros exemplos, tais como sabor-*oso*, orgulh-*oso*, felp-*udo*, pel-*udo*.

12.2. As formas em *-udo* na língua portuguesa com o passar do tempo

Para o seguinte estudo, foram consultados os verbetes do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (Dhelp), da autoria de Houaiss e Villar (2009). A pesquisa constou em três classificações distintas para as palavras terminadas em *–udo*: a posse, a semelhança e a intensificação, as quais correspondem à classe de *domínios semânticos*. Posteriormente, a ordem de posse ramificou-se duas vezes, entre a *posse comum* e a *posse intensiva* ou *abundante*. À vista disso, paráfrases recorrentes foram adicionadas em cada classificação, com o objetivo de esclarecer a posição da palavra dentro de uma frase. Com base nisso, exemplos de palavras foram encaixadas em cada tópico, os quais apontam maior incidência no campo semântico de posse, ou seja, encontrou-se maior quantidade de elementos pertencentes a tal domínio.

Aplicando o estudo à análise cronológica da língua latina, observa-se que, a partir do século X, a aparição de novas palavras se enquadrava, majoritariamente, no campo de posse. Ao

analisar algumas exceções, as palavras que não se encaixavam no tópico de posse correspondiam, em ordem crescente de recorrência, aos aspectos de intensificação e semelhança, respectivamente.

Ao especificar os períodos de datação das palavras, é necessário considerar que o século XVI foi marcado por sua característica de transição do *português arcaico* para o *português clássico*. Durante esse momento, as palavras foram, em grande peso, classificadas com aspecto de posse. Em séculos adiante, especialmente o XVII, notaram-se casos de polissemia. Dessa forma, a palavra *pontudo*, por exemplo, é definida como posse, "algo que contém ponta", ou como semelhança, "indelicado".

Em suma, esta parte apresentou a utilidade do sufixo *–udo* e ressaltou a relação da partícula desde o Latim até o Português. Ademais, foram explicitadas algumas classificações, as quais foram relacionadas com a passagem do tempo.

13. Os advérbios no latim e no português

13.1. A gramaticalização de *–mente*

Ao que se diz respeito à formação do sufixo *–mente*, afirma-se que tal terminação sofreu alterações com o passar do tempo. Em um primeiro momento, no *latim clássico*, as ordens *mente* + adjetivo e adjetivo + *mente* eram utilizadas na língua latina, uma vez que os substantivos no feminino acrescidos do sufixo *–mente* levavam o adjetivo para o mesmo gênero. No entanto, ao longo da história, a posição adjetivo + *mente* se torna mais usual, como afirmam Martelottta (2011) e Campos (2011).

As ordens entre adjetivo e o sufixo *–mente* poderiam coexistir. Com base em um estudo, Campos (2011) afirma que as ocorrências adjetivo + *mente* eram mais percebidas. Por outro lado, casos nos quais o sufixo se apresentava antes ou entre adjetivos eram menos utilizadas, tanto no *latim clássico* quanto no *latim vulgar*.

13.2. Advérbios em *mente* como compostos

Analisando os advérbios terminados em *–mente* no português, observa-se que o sufixo é eliminado do primeiro membro da coordenação, o que contribui para levantar a hipótese de tais advérbios serem formas compostas. Por exemplo:

O problema afetou as pessoas direta e indireta*mente*.

Ademais, acerca da acentuação de palavras acrescidas de *mente*, compreende-se que estas não são acentuadas, uma vez que a terminação já é considerada tônica. Tal fato se contrapõe se analisarmos outras situações de sufixação, como o caso de palavras derivadas. Por exemplo:

Destrui*ção*.

Descart*á*vel.

Ou seja, nesses casos, os acentos são colocados no sufixo, caso a terminação seja tônica, ou na base, se o final da palavra for átono.

Outro fator que contribui para hipótese do sufixo –*mente* ser considerado um composto, é o fato da terminação ser acrescentada após o morfema de flexão, como é o caso do morfema de gênero. Por exemplo:

Rapid*a*mente/rapid*o*mente.

13.3. *Mente* como afixo

É importante destacar que, no português, *mente* não existe como afixo, isto é, como uma forma livre. Sempre que analisamos a terminação, o sufixo está acompanhado de um adjetivo ao qual se junta. A palavra *mente* como retomada de cérebro ou algo relacionado ao pensamento não se conecta semanticamente com a partícula em advérbios. No entanto, ao se combinar com uma base adjetiva, o sufixo preserva a forma da primeira classe gramatical.

À vista disso, há defesas de considerar *mente* um afixo. Segundo Toner (2005), *mente* contribui, em maior peso, para o campo gramatical, em posição ao âmbito léxico. Ademais, ainda há a afirmação da estruturação desses advérbios se ligarem a um tratamento derivacional, baseado no fato de ser algo recorrente e normalizado na língua.

Contudo, outras defesas permanecem sem uma explicação clara, tais como a aparição de *mente* após a flexão de gênero, a omissão da partícula, em casos de elipse, e a ausência da exigência de uma acentuação, ainda que apresente tonicidade nas palavras. Para mais, destaca-se que tal discussão não se insere no *latim clássico* ou no *latim medieval*, sendo assim, um assunto mais restrito aos idiomas posteriores ao latim. A palavra *mente*, em tempos em que a língua latina era utilizada no cotidiano, existia como forma livre, além de compor os adjetivos na formação de advérbios.

Considerações finais

O trabalho realizado possibilitou-nos o entendimento, de maneira mais aprofundada, das relações morfológicas entre o latim e a Língua Portuguesa. A partir de muito estudo e dedicação ao conteúdo pesquisado, elaborado, analisado e desenvolvido, compreendemos que o latim originou a Língua Portuguesa, assim como outras línguas, e deixou diversas heranças culturais. Ademais, analisamos e entendemos que as relações morfológicas (origem, semelhanças, diferenças, permanências e mudanças das palavras) refletem que o português está, diretamente, ligado ao latim.

Referências

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis - Rio de Janeiro, Brasil, 1970.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis – Rio de Janeiro, Brasil, 1975.

CAMPOS, J. L. **A origem latina dos advérbios em –mente: um processo de gramaticalização**. Guavira Letras. v. 13, n. 1, p. 109-123, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo 7ª edição de acordo com a nova ortografia**. 7ª edição – 2ª impressão, Rio de Janeiro – Brasil, 2017.

GOLDBERG, A. E. **Constructions:** a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia Construcional:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

KEHDI, Valter. **Formação de Palavras em Português**. 3ª edição, 5ª impressão editora ática, 2008.

LÁSCAR-ALARCON, Yéris Gerardo; SILVA, Eduardo Dias da. **Latim: ontem, hoje e sempre**. Hon no Mushi – Estudos Multidisciplinares Japoneses, v. 3, n. 4, 2018. ISSN 2526-3846.

LIMA, R. B. **A formação de advérbios terminados em –mente no Latim e no Português**. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2013.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, Pedro Antônio Gomes de. **Mudanças morfológicas na passagem do latim ao português: um recorte no tempo e no espaço**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, v. 23, n. 2, maio-ago. 2022. DOI: 10.13102/cl.v22i2.9088

NETO, N. A. S. **From Latin [[X]-ūtus]a to Portuguese [[X]-udo]a: considerations on the trajectory of an adjectival morphological scheme**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, Jonathan. **Uma Análise da Composicionalidade e Idiomaticidade na Passagem do Latim para o Português à Luz da Morfologia Distribuída**. Rio de Janeiro – Brasil, 2022.

SEDRINS, A. P. **A formação de advérbios terminados em –mente no Latim e no Português**. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2013.

TORNER, S. **On the morphological nature of Spanish adverbs ending in –mente**. Probus, v. 17, p. 115-114, 2005.

VILLALVA, Alina**. Morfologia do Português**. Universidade Aberta, 2007.

WHITE, J. T. **Latin Suffixes**. London: Longmans, Green & Co, 1858.